

BLOG COMO RECURSO DIDÁTICO: INSTRUMENTAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NA CIBERCULTURA

Márcio Roberto de Lima¹

Resumo

O contexto da cibercultura sinaliza a reconfiguração da educação, demandando que a prática pedagógica incorpore – de forma crítica e metodologicamente sistematizada – o uso dos recursos virtuais, os quais privilegiem a autoria, a leitura e o posicionamento crítico dos sujeitos frente aos saberes curriculares. Dentro dessa visão, o objetivo desse artigo é o de relatar uma prática e pesquisa realizada com alunos de graduação do Bacharelado em Humanidades (BHu) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) durante o segundo semestre de 2010. Priorizou-se a (re)configuração da prática pedagógica tendo como recurso básico o *blog* e as funcionalidades hipertextuais do ciberespaço. Após as atividades práticas empreendidas, foram usados questionários *online* para coleta de dados, que foram tabulados e submetidos à análise de conteúdo. Os fragmentos de interesse foram identificados e categorizados com base nas unidades de significado relacionadas ao foco da pesquisa. Em adição aos depoimentos colhidos, o resultado da análise reforçou a necessidade do realinhamento dos processos educacionais ao contexto da cultura digital e que o *blog* pode ser compreendido como um recurso pedagógico de incentivo à autoria/publicação em rede. Mediante a concepção de estratégias didáticas adequadas, sua adoção pode promover maior motivação, (re)construção do aprendizado e da própria prática pedagógica.

Palavras chave: cibercultura, prática pedagógica, *blog*

Introdução

Ao se buscar uma melhor compreensão dos processos educativos e dos campos de ação de seus sujeitos é indispensável considerar o contexto nos quais tais experiências se efetivam. Sem esse cuidado corre-se o risco de empreender esforços vazios, ou ainda, de recair em abordagens superficiais e que não consideram a dinâmica educacional com o tamanho de sua complexidade.

A partir disso, é muito importante considerar as peculiaridades da formação docente no contexto da cibercultura, buscando a (re)adequação dos currículos das licenciaturas, compatibilizando-os ao cenário sociotécnico contemporâneo. Os desafios de em-

¹ Mestre em Educação -Professor da Universidade Federal de São João del-Rei -UFSJ

preender processos de formação inovadores, dentro da perspectiva de uma sociedade que tem as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) como elementos mediadores da ação, não são simplórios. Não se trata apenas de disponibilizar acesso às tecnologias digitais, mas, fundamentalmente, de se conceber estratégias metodológicas adequadas e que façam valer a intencionalidade pedagógica e o ganho de aprendizagem dos envolvidos nos processos.

Quanto a esse quesito, a dimensão do planejamento curricular para a formação de novos professores extrapola a mera acomodação de unidades curriculares voltadas para relação “Computador e Sociedade”, ou ainda, “Introdução à Informática”, como são comumente denominadas no escopo dos projetos político pedagógicos. Mais que isso, a prática pedagógica pode ser (re)configurada de maneira a incorporar de forma crítica e metodologicamente sistematizada recursos virtuais, os quais privilegiam a autoria, a leitura e o posicionamento crítico dos sujeitos frente aos saberes de referência.

É dentro dessa visão que aqui são relatadas uma prática e uma pesquisa, ambas realizadas no segundo semestre de 2010 com 126 alunos de graduação do Bacharelado em Humanidades² (BHu) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)/Diamantina. A experiência em questão envolveu o uso do *blog* como recurso didático para instrumentação da prática pedagógica dos futuros professores. Após o término do semestre, foi realizada uma pesquisa exploratória com 51 dos sujeitos envolvidos buscando validar a estratégia metodológica implementada.

Embasamento Teórico

Para instrumentalizar teoricamente a proposta pedagógica implementada é importante compreender o que vem sendo denominado de “cultura digital” ou “cibercultura”, o processo de virtualização que lhe é típico e alguns fundamentos e recursos que podem ser associados às práticas educativas em tal contexto.

A cibercultura é definida por Lemos (2003, p.11) como a “*forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica, que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70*”. A fim de evitarmos interpretações equivocadas, é muito importante elucidar que não se trata de uma cultura conduzida por máquinas digitais,

² O BHu é um bacharelado interdisciplinar que forma o núcleo comum de acesso às licenciaturas de Geografia, História, Letras/Espanhol, Letras/Inglês e Pedagogia na UFVJM/.

mas sim de uma apropriação por parte da sociedade de tais dispositivos, o que acaba por reconfigurar o seu *modus vivendi*.

Mas como entender tal reconfiguração? De forma nenhuma ela deve ser assumida como extinção ou substituição de formatos antecedentes. Lemos (2005) alerta para um erro comum ao se analisar/interpretar essa nova configuração: a cibercultura não decreta o fim do meio analógico e massivo, nem mesmo sua substituição pelo digital e personalizado. Efetivamente, o que ocorre é sua transformação inovadora sendo possível a convivência de ambos os formatos.

A atualidade evidencia que a ação humana, em todas as áreas de conhecimento, passou/passa por constantes aprimoramentos dado o advento, expansão, consolidação e apropriação das TDIC por parte da sociedade. A compreensão desse cenário mutante, que estabelece novas formas de se lidar com o saber, é indispensável para se compreender o papel da escola e da prática pedagógica frente à cibercultura. É certo que a evolução das tecnologias digitais dá abertura para as inovações no campo da educação. Nesse sentido, a educação também precisa ser reconfigurada, compatibilizando-se com o espírito de uma nova época. E vale o alerta: os costumes, as ações, as mídias e os estilos de aprendizagem são todos novos, entretanto a escola³ insiste em pressupostos de tempos retrógrados.

Como dito anteriormente, na perspectiva da cultura digital, o processo de virtualização é inerente. Para melhor entendimento dessa prerrogativa, buscou-se em Lévy (1996) uma base conceitual que justificasse tal associação. O autor defende “virtualização” como uma dinâmica fecunda, potencializadora de realizações e que permite novas formas de criação. Aponta a origem do termo “virtual” no latim *virtualis*, que é derivante de *virtus*: força, potência. A ideia de que “virtual” – enquanto ausência de existência – é o oposto do “real” – enquanto presença tangível – é apontada pelo filósofo como enganosa e de senso comum. Assim, quando uma entidade é virtualizada abrem-se espaços para reconfigurações da realidade, de forma que virtual/real não são antagonistas ou excludentes, mas complementares e coexistentes (LÉVY, 1999; LEMOS & LEVY, 2010).

Esse conjunto de transformações aponta para a instauração de uma nova realidade para a escola. No virtual, a educação também está sujeita à nova configuração espa-

³ O termo “escola” é tratado neste texto com sentido amplo, abrangendo todos os níveis e modalidades educacionais praticados, bem como seus espaços de efetivação.

ço-temporal, na qual são recriados seus processos de funcionamento. Nesse sentido, rompem-se barreiras de deslocamento e presença física dos sujeitos, além de serem oportunizadas formas interativas para a comunicação via ciberespaço⁴.

Obviamente, essa atualização no cotidiano escolar traz consigo desdobramentos para a comunidade, instaurando-se novas formas de convivência e operacionalização da intencionalidade educativa. No que diz respeito à docência, por exemplo, perde espaço o professor repassador de conhecimento e surge uma nova perspectiva: *“o professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão ao seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc.”* (LÉVY, 1999, p.171).

Assim, o papel do professor reconfigura-se e passa a ser o de provocar interações e o uso das ferramentas de (re)construção do conhecimento, o de propor desafios e aprender em conjunto com os alunos. Essa postura torna mais complexa a ação docente, possibilitando o questionamento crítico, o debate, o incentivo à pesquisa e à aprendizagem colaborativa e contínua.

Do lado discente, o sujeito precisa estar ciente de que está inserido em uma dinâmica onde ele não é um espectador. Pelo contrário, ele deve se envolver e usufruir do potencial comunicativo oferecido pelas ferramentas virtuais e pelas propostas de discussão colaborativa, buscando ir além da compreensão/memorização de conceitos isolados. Dessa forma, o educando possui a responsabilidade de situar o seu grau de aprendizagem e de (re)agir, ponderando seu nível de envolvimento com a (re)construção de seu conhecimento (LIMA, 2009). Definitivamente, se olharmos para o possível ganho de qualidade no processo de ensino-aprendizagem de tal abordagem, o “virtual” potencializa o “atual” da escola.

Nesse momento, surgem questionamentos referentes às interfaces digitais do ciberespaço, que possibilitam a (re)configuração das práticas pedagógicas no contexto da cibercultura. Que ferramentas são essas? Quais as funcionalidades oferecidas por elas? Em termos de organização didático-pedagógica, o que efetivamente muda mediante a

⁴ O termo “ciberespaço” é assumido com o significado da união de redes e recursos de comunicação estruturados pela interconexão global dos computadores.

suas adoções? Além disso, é importante relatar sumariamente algumas experiências similares, salientando outras percepções e desdobramentos do assunto em questão.

Para buscar o encaminhamento de respostas para as questões anteriores, chama-se a atenção para os inúmeros recursos oferecidos na internet e que possibilitam aos “usuários” a perspectiva da autoria e do trabalho colaborativo – características desejáveis na formação de sujeitos autônomos e que saibam trabalhar em grupo. Além disso, vale lembrar que na internet a produção de informação se dá em diferentes formatos além do textual: o audiovisual, o gráfico e o fotográfico. É nesse sentido que destaco os *blogs* (*Wordpress, Blogger* etc.), a edição coletiva de documentos ou *wikis* – (*Twiki*), os vídeo-*blogs* (*Youtube, Metacafe, Viddler* etc.), gerenciadores de álbuns fotográficos (*Picassa, Flickr* etc.) e o *livecasting* de vídeo/áudio (*Twitcan, USStream, BlogTalkRadio* etc.).

Dentre as funcionalidades anteriormente citadas, dedico atenção específica ao recurso *blog*, pois ele instrumentalizou a experiência aqui relatada. Os *blogs* são ambientes virtuais que funcionam como sítios da Internet, os quais são – geralmente – gratuitos, de fácil criação e manutenção, dispensando conhecimentos técnicos para sua implementação. Todo *blog* tem um endereço único na Rede – por exemplo: <http://cibereducacao.wordpress.com> – e oferece suporte a texto, vídeo, áudio, foto etc. Seu proprietário pode veicular conteúdo de forma livre e aberta à apreciação/comentários, residindo nesse particular uma de suas principais funcionalidades e diferença para os sites “estáticos” e fechados às formas interativas.

Davis (2004) indica diferentes utilidades dos *blogs* no contexto educacional, tais como: a divulgação de conteúdos específicos para estudo, a partilha de ideias da aprendizagem colaborativa, a difusão de mensagens de interesse geral dos participantes de uma turma/grupo (calendários, eventos, trabalhos etc.), a construção de portfólios digitais, além de se constituírem como plataforma para a realização e acompanhamento de trabalhos individuais e/ou em grupos.

Nesse contexto, as funcionalidades oferecidas ampliam as possibilidades de estratégias pedagógicas em dois aspectos: autoria e colaboração. Em contrapartida, é habitual a afirmativa de que os ambientes educacionais são pobres em recursos que estimulem o pensamento e a expressão de ideias, sendo muito comuns a transmissão e reprodução de conteúdos, a repetição e memorização de informações.

O educador brasileiro Paulo Freire criticava tais práticas valendo-se da metáfora onde a escola seguia um “modelo bancário”, no qual pequenas porções de informações seriam depositadas na mente dos educandos pelos professores, em conformidade ao que acontece com dinheiro em uma conta corrente. Na metáfora, a transmissão de informações é a principal – senão a única – via “interativa” entre os sujeitos do processo educacional. Perpetua-se, portanto, a lógica transmissiva e o vazio de aprendizagem proporcionado pelo sistema educativo baseado exclusivamente na instrução e centrado no professor (figura 01).



Figura 01: Caricatura do método transmissivo de ensino.

Fonte: HARPER, Babette et al, 1980, p.48.

É nesse sentido, que ao se valer das ferramentas virtuais no contexto da formação do professor, pode-se buscar usufruir de suas características nativas para reconfigurar a prática pedagógica. Tudo isso com vista a um modelo onde a autoria, colaboração e a publicação em rede são fundamentais. Nessa nova perspectiva, os “usuários” das ferramentas digitais passaram a contar com a possibilidade de superar suas condições de espectadores, ou ainda, consumidores de informações.

Para fazer valer efetivamente a incorporação de recursos como os apresentados, professores e alunos precisam envolver-se em propostas interativas, que têm nas plataformas digitais o ponto de partida para a (re)construção da aprendizagem. O importante nessa nova perspectiva educacional é buscar motivar a participação colaborativa nas ferramentas, abrindo espaços para debates, (re)significações, associações entre conhecimentos já adquiridos etc. Aqui temos uma possível releitura/reconfiguração do que Freire (1983, p.84) preconizava: “*A educação autentica não se faz de A para B ou de B sobre A, mas de A com B, mediatizados pelo mundo*”. A figura 02 esquematiza o modelo de trabalho em uma ferramenta digital, onde todos podem ser emissores e receptores de informações – o que contribui efetivamente para ampliação do diálogo e do debate em rede.

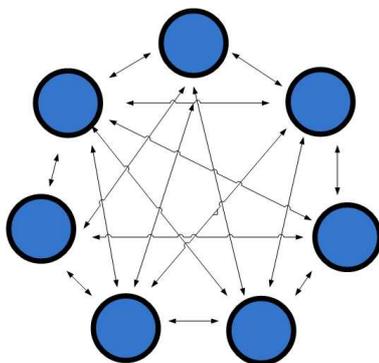


Figura 02: Modelo “todos para todos”

O que pode ser notado é que a intencionalidade pedagógica do modelo busca descentralizar a emissão, promovendo a ação colaborativa na (re)construção de conhecimento. Não é mais o professor que emite a informação de forma isolada, todos os sujeitos envolvidos são estimulados a produzir, debater e participar ativamente. Os resultados dessas interações podem ser publicados na Internet, o que permite a socialização das produções e sua apreciação crítica por todos os (inter)agentes.

Outros trabalhos também se constituíram com a proposta de uso de *blogs* como recurso didático. **Peres (2006, p.192), por exemplo**, descreve a utilização de um *blog* como estratégia de divulgação “dos trabalhos dos alunos, de comunicação e aprendizagem colaborativa mediada por computador”, resultando em uma experiência estimuladora do processo de reflexão pessoal e público dos trabalhos desenvolvidos por alunos. A autora conclui que “os alunos mostraram-se receptivos à introdução das tecnologias no processo educativo e facilmente se adaptaram a novas formas de participação na comunidade de aprendizagem” (PERES, 2006, p.197).

Coutinho e Bottentuit Junior (2007) relatam uma experiência pedagógica na formação de professores de Biologia e Geologia, nos quais os discentes trabalharam e exploraram o *blog* e a *wiki*. Os autores afirmam que os resultados alcançados são encorajadores, pois evidenciam “[...] enorme adesão dos alunos ao projeto e a vontade que demonstram em incorporar estas novas ferramentas nas suas práticas a nível pessoal e profissional” (COUTINHO E BOTTENTUIT JUNIOR, 2007, p.199).

Fortes e Giraffa (2008) empreenderam pesquisa que visava analisar a exploração do uso do *blog* como plataforma articuladora de discussões entre professores e seus alunos, e também entre os alunos e a monitoria da unidade curricular de “Cálculo”. Entretanto, as autoras afirmam que os resultados foram frustrantes, pois a maioria dos professores não demonstrou o interesse na incorporação dessa funcionalidade em suas práticas. Encaminham uma possível justificativa para o fato alegando o desconhecimento docente do funcionamento dos *blogs* e de suas possibilidades pedagógicas.

Apresentadas essas ideias, segue o relato de uma experiência pessoal do uso didático do *blog*, além de uma pesquisa associada a essa prática, a qual foi realizada no segundo semestre de 2010 durante a unidade curricular de “Introdução à informática” para o curso de Bacharelado em Humanidades da UFVJM/Diamantina.

Metodologia do Trabalho

A experiência aqui relatada envolveu as duas turmas de graduandos (BHu/UFVJM), totalizando 126 discentes e o professor pesquisador deste relato, responsável pela unidade curricular (UC) supracitada.

A proposta de trabalho com *blogs* envolveu a formação de grupos de até cinco componentes. Cada grupo precisou criar o seu próprio *blog*, tendo sido indicados tutoriais autoexplicativos para a sua criação na internet e posterior publicação do material produzido. Além disso, o atendimento presencial aos estudantes foi assegurado pelo professor e equipe de quatro monitores.

Buscando a incentivar a autoria e posteriormente a dimensão colaborativa em grupo, foi proposta uma atividade na qual os sujeitos produziram um texto individual, acerca das mudanças causadas pela tecnologia digital no cotidiano. Essa atividade teve data determinada e, a partir de sua conclusão, foram feitos 28 grupos que deveriam debater e construir em conjunto um texto para a publicação em seu próprio *blog*. Foi dado prazo de 30 dias para essa segunda atividade, que constituiu parte da avaliação da UC.

Ao final da atividade, o líder de cada grupo enviava ao professor um *e-mail* contendo o endereço do *blog* criado, o qual foi visitado e comentado pelo professor. Todos os endereços dos *blogs* criados foram socializados via *e-mail*, buscando maior divulgação das produções e também a comunicação interativa entre os grupos.

Ao todo foram criados 24 *blogs* válidos, que extrapolaram a criação de textos e continham imagens, animações e vídeos. Após o término do prazo de entrega, os educandos foram convidados a participarem de uma enquete *on-line* via *Google Docs*⁵, a qual buscava delinear o aproveitamento pedagógico da atividade proposta. Entre os participantes, 51 alunos emitiram espontaneamente suas opiniões, que foram tabuladas e submetidas à análise de conteúdo. Os fragmentos de interesse foram identificados e categorizados com base nas unidades de significado relacionadas ao foco de pesquisa e são apresentadas a seguir.

Resultados obtidos

⁵ http://www.google.com/google-d-s/hpp/hpp_pt-PT_pt.html

Entre os participantes, 84% assumiram o ineditismo do uso do *blog* como recurso didático. Quando questionados quanto à dificuldade na construção o mesmo, 47% considerou a atividade fácil, 45% de dificuldade mediana e 8% com sendo uma atividade difícil. Como para muitos (84%) foi uma experiências inédita, a “dificuldade mediana” pode ser compreendida como adaptação à ferramenta gerenciadora de *blog* – no caso o *Blogspot* da *Google* (<http://www.blogger.com>).

Os alunos também foram questionados quanto a validade do *blog* enquanto recurso didático para a aprendizagem. Nesse quesito, ocorreu unanimidade ao assumi-lo como uma ferramenta potencial. Nesse sentido, a figura 03 situa o posicionamento dos entrevistados quanto às habilidades possíveis de serem exploradas com o recurso.

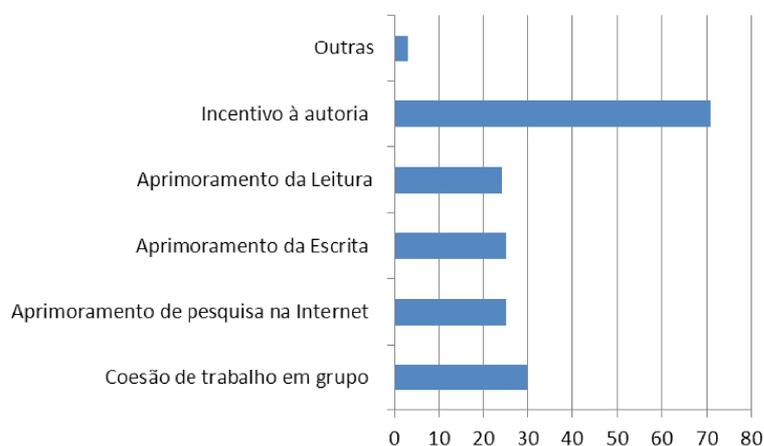


Figura 03 – Habilidades reforçadas com o blog

Nota-se que “Incentivo à autoria” teve grande expressão, confirmando os aspectos teóricos da proposta pedagógica apresentada anteriormente. Nesse ponto é importante destacar o *blog* como uma ferramenta capaz de motivar o educando a produzir, uma vez que ele vê e pode compartilhar seus trabalhos não apenas com o professor, mas com toda uma comunidade de (inter)agentes em rede.

Considerando o cenário da cultura digital e que a atividade proposta foi elaborada com recursos virtuais, questionou-se também a preferência dos alunos quanto à forma de entrega da atividade, sendo que 69% aprovou o formato digital, dispensando a impressão.

Com o intuito de ponderar se a atividade realizada com o *blog* cumpria apenas uma formalidade avaliativa, ou se ela poderia ser incorporada ao fazer acadêmico e profissional dos entrevistados, questionou-se quanto à pretensão do uso continuado do *blog* para futuras atividades discentes/docentes. O grupo teve uma visão amadurecida do processo de criação, publicação e utilização da ferramenta de autoria, pois 82% dos participantes assumiram que dariam seguimento à prática.

Discussão dos Dados

Como pergunta final da enquete eletrônica abria espaço para colocações pessoais referentes ao uso do *blog* como recurso educacional. Todos os participantes puderam emitir livremente suas opiniões e estavam dispensados de identificação pessoal. A seguir destacam-se algumas participações, assumindo o gênero masculino para todas as contribuições.

ALUNO1: “Publicar um trabalho em um blog foi uma experiência diferente, pois já publiquei um blog [post⁶], mas não tinha objetivo de gerar informação. Talvez ainda por não ter a noção que o blog é, com certeza, uma ferramenta de comunicação, mas também de socialização de informação. Desta forma, pode ser utilizado por nós universitários como uma estrada de mão dupla, onde poderemos deixar o papel passivo no consumo de informação, passando assim nos apresentamos ativamente como autores e formadores de opiniões, tanto academicamente como socialmente”.

O acadêmico assume que apesar de não ser a sua primeira experiência com o *blog*, ao poder utilizá-lo educacionalmente, percebeu uma nova forma de socializar a produção e a troca de experiência com outras pessoas. O discurso revela ainda, que o discente assume uma postura ativa no processo de (re)construção de seu conhecimento.

ALUNO2A: “Aprendi que é mais uma forma das pessoas se comunicarem e um meio rápido de publicar os seus artigos e principalmente de ser reconhecido e visitado pelo mundo inteiro”.

ALUNO2B: “Bem, o Blogger com certeza é um meio de comunicação muito divertido, prático e gostoso, não somente para postar nossos trabalhos, mas para a comunicação com o resto do mundo, podendo expor nossas opiniões e sermos reconhecidos pelas nossas ideias”.

Percebe-se na opinião dos discentes a característica dialógica da ferramenta *blog* e também da praticidade de seu uso para a socialização das produções. A Internet configura-se no processo como infraestrutura descentralizadora, que permite livre e fácil acesso à produção concebida, de forma global e irrestrita. Fatos que vão ao encontro das

⁶ *Post* é um termo de origem da língua inglesa que identifica uma publicação em um *blog*.

proposições de Lemos & Lévy (2010) sobre a “liberação da palavra” como um princípio da cibercultura e da emancipação do sujeito enquanto autor e cidadão imerso e ativo em uma cultura digital.

ALUNO3A: “Experiência nova, nunca havia utilizado, me ajudou a utilizar melhor as palavras em contextos diferentes dos habituais”.

ALUNO3B: “Com a atividade de publicação, pude aprender os passos necessários para fazer um blog, pois eu não possuía nenhum entendimento a respeito. A discussão e a postagem em grupo, do que foi publicado, trouxe grande incentivo à utilização dos recursos”.

Os acadêmicos relatam suas experiências inéditas. Especificamente, o Aluno3a ressalta um ponto importante: ao se fazer uma postagem em uma mídia de acesso livre, os cuidados com a o uso correto da língua portuguesa são redobrados – afinal, a produção estará disponível para a apreciação crítica dos interessados. Isso leva a pensar que o uso do *blog* exige melhor elaboração textual e pode – ao longo do tempo – contribuir para a melhoria da escrita. Já o Aluno3b reforça a ideia do trabalho colaborativo e publicação em equipe como fator diferencial da ferramenta e da atividade.

ALUNO7: “A atividade proporcionou a interação do grupo e abriu espaço para o diálogo entre os grupos que têm visões diferentes sobre o mesmo assunto”.

O Aluno7 confirma a possibilidade do trabalho colaborativo e também a dimensão da integração dos sujeitos para o aprendizado em conjunto. Além disso, o diálogo sobre o assunto explorado é ampliado para todos os outros grupos, afinal a publicação fica disponível para acesso aberto e oportuno.

ALUNO8A: “Confesso que fiquei muito mais atenta e interessada no estudo de sua matéria, espero que outros professores façam um Ctrl+C / Ctrl+V do seu trabalho, assim todos teriam muito mais interesse em qualquer matéria”.

ALUNO8B: “Eu adorei! Nunca imaginei que seria tão fácil. Quero sempre fazer isso e espero que outros professores adotem essa alternativa para entrega de trabalhos”.

Apesar da dose de bom humor, o Aluno8a toca em um assunto muito sério. Ele relata sua experiência positiva ao construir sua atividade com o *blog* e deixa claro que o recurso tecnológico aliado à metodologia adotada despertou seu maior interesse nas propostas de aprendizagem da unidade curricular. O acadêmico expressa também o quanto a educação e seus processos vem se revelando tediosos e desestimulantes, evidenciando uma necessária reconfiguração. O fato é reforçado na fala do Aluno8b.

ALUNO9: A experiência com publicação em blog foi de suma importância para o nosso crescimento pessoal e estudantil. Mostra mais uma vez o esforço do professor em inovar, usando de uma ferramenta dinâmica, onde todos em geral podem interagir. Adorei.

O Aluno9 exprime sua satisfação e o ganho de aprendizagem alcançado. Além disso, mostra-se consciente do comprometimento docente com o processo de (re)construção do conhecimento de forma a romper com a lógica da transmissão e buscar incluir o aluno – **futuro professor** – na cibercultura.

Conclusões

Reconhecendo as limitações de um estudo descritivo-exploratório e não negligenciando o indispensável cuidado em relativizar os depoimentos dos sujeitos participantes, a análise dos dados coletados reforçou – entre outros aspectos – a necessidade de adequação dos processos educacionais e de formação de professores ao contexto da cultura digital.

A incorporação das produções discentes em formato hipertextual com respectiva divulgação em *blogs* ficou caracterizada como incentivo à autoria e uma forma de socialização como obra aberta e passível à troca de experiência com outros sujeitos (a produção pode ser pública e comentada/ampliada em/na rede). Registra-se também, que a atividade empreendida nesse estudo via *blog* promoveu maior motivação, caráter colaborativo e empenho na construção do aprendizado por parte dos alunos, que assumiram postura ativa no processo de (re)construção de seu conhecimento.

Um último fator a ser ressaltado é a questão do melhor planejamento, construção e revisão das produções a serem socializadas. Como estarão disponíveis à visitas e comentários, reforçaram-se os cuidados na elaboração textual/áudio-visual, o que pode contribuir com o melhor aprendizado da língua portuguesa e suas formas de expressão.

Referências bibliográficas

COUTINHO, Clara Pereira; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0. In: *Simpósio Internacional de Informática Educativa*, Porto, 2007.

DAVIS, Anne. *Ways to use weblogs in education*. eSchool News, 2004. Disponível em <<http://www.eschoolnews.com/eti/archives/2004/10/000190.php>>, acessado em 20/05/2011.

FORTES, Luciana Oliveria; GIRAFFA, Lúcia Maria Martins. Utilizando blogs como ferramenta de suporte a aprendizagem de matemática no ensino superior. In: XII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, Rio Claro, São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 12 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

HARPER, Babette et al. *Cuidado: escola, desigualdade, domesticação e algumas saídas*. 25.ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

Revista Tecnologias na Educação- ano 3- número 1- Julho 2011

<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a época. In LEMOS, A. & CUNHA, P. (orgs), *Olhares sobre a cibercultura*, Porto Alegre, Sulina, 2003.

LEMOS, André. Ciber-cultura-remix. In: *Seminário Sentidos e Processos*, São Paulo, Itaú Cultural, 2005.

LEMOS, André. LÉVY, Pierre. *O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY. Pierre. *O que é o virtual*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY. Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Márcio Roberto de. *Construcionismo de Papert e ensino-aprendizagem de programação de computadores no ensino superior*. 141p. Dissertação de mestrado (Educação). Universidade Federal de São João del-Rei, 2009.

PERES, Paula. Edublogs como mediadores de Processos Educativos. *Revista Prisma*, nº 3, Outubro, p. 189-199, 2006.